

“O QUE EU QUERO MAIS É SER REI”¹: FUNÇÃO PATERNA E COMPLEXO DE ÉDIPO NA ANIMAÇÃO O REI LEÃO²

Flavianna Paiva Cesarino³
Cássia Maria Tasca Duarte Sartori⁴

RESUMO:

O presente estudo propõe analisar o filme O Rei Leão a partir de uma perspectiva psicanalítica e tem como objetivo elucidar o que é o Complexo de Édipo e como este é vivenciado pelo menino. Reflete, também a importância que possui a função paterna na vida da criança, analisando trechos do filme a partir desse conceito, sob a luz da psicanálise, bem como pretende compreender um pouco sobre a representação da indústria cinematográfica, em especial da Disney World. Leva em conta, ainda, que essa indústria acima citada tem seus aspectos positivos e negativos, podendo ser facilitadores para se trabalhar conteúdos inconscientes. Trazendo autores como Sigmund Freud, Juan-David Nasio e François Dolto para elucidar o complexo de Édipo, que é uma fase na qual toda criança irá passar e como se ocorre sua resolução. Também busca Sigmund Freud e Donald Winnicott para o entendimento da função paterna, estabelecendo uma conversa entre estes autores, assim como compreende a dinâmica do pai e sua função na atualidade. É visto o complexo de Édipo se apresentando no leãozinho Simba e como esta transição do complexo pode ser dificultada quando ocorre à morte de um dos genitores. A função paterna é analisada no personagem Mufasa. Observar-se, também, Rafiki como um facilitador para que Simba consiga lidar com conflitos internos e seguir seu caminho. O filme é atemporal, passando por gerações e tendo significados diferentes para cada sujeito. Por isso, não se tem a intenção de esgotar o assunto e, sim, trazer uma possibilidade, dentre várias, de diálogo entre o filme e a psicanálise.

Palavras-chave: Complexo de Édipo. Função paterna. O Rei Leão. Psicanálise. Contos de fadas.

“WHAT I WANT MORE IS TO BE A KING”¹: PARENTAL FUNCTION AND THE OEDIPUS COMPLEX IN THE ANIMATION THE LION KING

ABSTRACT:

This study proposes to analyze the film The Lion King from a psychoanalytic perspective and aims to elucidate what the Oedipus Complex is and how it is experienced by the boy. It also reflects the importance of the father's role in the child's life, analyzing excerpts from the film based on this concept, in the light of psychoanalysis, as well as intending to understand a little about the representation of

¹ Música da animação O Rei Leão (1994), composta por Tim Rice e Elton John.

² Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA) na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 1/06/2020 e aprovado, após reformulações, em 1/07/2020.

³ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: flaviannacesarino@hotmail.com

⁴ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: cassiasartori@gmail.com

the film industry, especially Disney World. It also takes into account that this industry mentioned above has its positive and negative aspects, and it can be facilitators to work on unconscious content. It brings authors such as Sigmund Freud, Juan-David Nasio and François Dolto to elucidate the Oedipus complex, which is a phase in which every child will pass and how to solve it. It also seeks Sigmund Freud and Donald Winnicott to understand the paternal function, establishing a conversation between these authors, as well as understanding the dynamics of a father and his role nowadays. We will see the Oedipus complex appearing in the little lion Simba and how this transition of the complex can be hindered when one of the parents dies. The paternal function we will see in the character Mufasa. We will also observe Rafiki as a facilitator, so that Simba can deal with internal conflicts and get on with his way. The film is timeless, passing through generations and having different meanings for each subject. For this reason, the intention is not to exhaust the subject, but rather to bring a possibility, among several, of a dialogue between the film and psychoanalysis. Key words: Oedipus complex. Paternal function. The Lion King. Psychoanalysis. Fairy tale.

1 INTRODUÇÃO

“O passado pode machucar. Mas como eu vejo é: você pode fugir dele ou aprender com ele.” (O REI LEÃO, 1994).

Walter Elias Disney foi fundador da Walt Disney Pictures, na década de 20, quando criou o famoso personagem Mickey Mouse, a partir do qual se dá o crescimento dessa companhia cinematográfica. Entre seus grandes sucessos estão: *Cinderela*, *A Bela e a Fera*, *A Bela Adormecida* e, também, vários outros contos de fadas adaptados por ela. A lista inclui, ainda, o filme que iremos analisar neste trabalho, *O Rei Leão*. A animação foi lançada pela primeira vez em 1994, fazendo grande sucesso entre crianças e adultos. No ano de 2019 é feito um *live action*⁵, trazendo pequenas alterações, mas que não muda o sentido da história. Novamente faz grande sucesso antes mesmo de seu lançamento, tendo grande repercussão nas mídias sociais e quebrando recordes de bilheteria.

De acordo com Mendonça (2019) a Walt Disney busca fazer sempre grandes propagandas de seus filmes e já sendo bastante conhecida do público, leva milhares

⁵ *live action* é um filme baseado em uma animação, ou em quadrinhos e até em jogos de vídeo game, que ganham versões feitas por atrizes e atores de verdade
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 164-183, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483

de pessoas aos cinemas. Nos últimos anos além de lançarem novos filmes, observa-se um movimento de remakes de produções que fizeram grandes sucesso, seja em animação mesmo ou *live action*. Nesse estudo optou-se por fazer análise da obra original produzida em animação em 1994.

O filme **O Rei Leão** (1994) traz uma disputa pelo poder, onde um só leão, sempre o masculino, pode ocupar a posição de liderança. Mufasa é o rei e, conseqüentemente, seu primogênito, Simba, viria a ser seu sucessor. Scar, irmão de Mufasa e tio do Simba, também entra na disputa planejando retirar ambos do poder, matando-os. Porém, só Mufasa morre e o tio coloca a culpa em Simba, que foge. Scar passa a ser o novo rei, porém sua forma de liderança causa destruição. Simba tem que lidar com o conflito em torno da morte do pai e por ter abandonado o reino. Quando descobre o que seu tio Scar está fazendo como rei e que ele é o verdadeiro culpado da morte de Mufasa, Simba passa a ter força para tomar seu lugar de direito.

Apesar do filme não ser considerado um conto de fadas, ele se adequa aos valores ideológicos citados por Coelho (1993), tais como: os valores humanistas, que no filme são representados pelo estímulo à caridade, à boa vontade, à tolerância, à valorização da palavra; a ética maniqueísta, marcando a separação entre bem e o mal. No filme, o bem é representado por Simba e seu pai Mufasa e o mal por Scar, o que fica evidenciado na maneira como cada um desses referenciais exercem o seu reinado. Sob essa perspectiva, percebe-se a ética relativista evidenciando o castigo para o mal e o prêmio para o bem, que marca significativamente o desfecho do filme, sendo que ao conseguir lidar com seus conflitos internos, Simba retorna, derrotando o tio e se tornando rei. Observa-se nesse momento do filme a inteligência vencendo a força e as ambições causando desequilíbrio. Tem-se também a ordem natural dos seres que não deve ser contrariada, o que é bem enfatizado no filme. Conseguir vencer os desafios, os momentos difíceis e triunfar no final.

O longa-metragem permite vários tipos de análise e, dificilmente, se conseguiria esgotar todas as possibilidades. Por isso, neste trabalho optou-se analisar os conceitos de Complexo de Édipo no menino e a função paterna, na perspectiva da psicanálise. Essas questões foram escolhidas pois a história é centrada no aspecto masculino e sua busca pelo poder. Sarabi a mãe de Simba e esposa de Mufasa fica como coadjuvante, aparecendo em poucas cenas do filme, assim como as outras

personagens femininas, que ficam de pano de fundo para os personagens masculinos exercerem o reinado.

A função paterna é de extrema importância para a constituição do sujeito, pois é a partir dela que é formado o superego, que possibilita sua entrada no mundo social, também fortalecendo o ego da criança. Também de igual importância o Complexo de Édipo é experiência que todos passam e que desponta na fase fálica, retornando na adolescência e em alguns períodos da vida. Para abordar a temática, recorre-se predominantemente a Sigmund Freud, Donald Winnicot, Françoise Dolto e Juan David Nasio, por esses autores apresentarem os recursos teóricos necessários para bem fundamentar este estudo. De acordo com Castro (2004), a infância é um período basilar na formação do adulto. Por conta disso, merece uma atenção frente a sua complexidade. Na mesma proporção e intensidade, os contos de fadas têm a sua importância, sendo um instrumento relevante nesse e em outros períodos da vida do ser humano.

Busca-se responder, no decorrer do estudo, como os processos de função paterna e Complexo de Édipo se fazem evidentes no filme, *O Rei Leão*. Observa-se a função paterna no personagem Mufasa, pai de Simba e o Complexo de Édipo nas cenas em que o protagonista busca mostrar aos outros animais do reino que está preparado para ser rei no lugar de seu pai. Portanto, o objetivo é elucidar o que é o Complexo de Édipo e como este é vivenciado pelo menino, correlacionando aqui, menino com o filhote de leão, e também, a importância que tem a função paterna na vida da criança. Propõe-se analisar trechos do filme a partir desses conceitos, sob a luz da psicanálise e a representação da indústria cinematográfica, em especial a Disney.

2 DISNEY, CONTOS DE FADAS E PSICANÁLISE

Silva e Gomes (2009) abordam sobre como a Disney em seus trabalhos imprime a partir de uma visão ideológica, o contexto cultural e social da época em que a obra foi feita, além de contribuir para a construção da identidade do indivíduo que ainda está em formação, “Os desenhos produzidos pela Walt Disney desde o início de suas produções transmitem ideologias fundamentais para a formação da identidade do indivíduo ainda em formação.” (SILVA; GOMES, 2009, p.38). As **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 164-183, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

autoras trazem exemplos: no filme a *Pequena Sereia* (1989) no qual se tem o tema do machismo e que, na época, não se tinha discussão sobre o assunto. Este só começaria a ser abordado pela Disney na animação, *Mulan* (1998), ocorrendo, ali, a exaltação da mulher. Outro exemplo das autoras é o desenho *Os Três Porquinhos* na qual se tem uma música que faz alusão à queda da bolsa de valores de Nova York em 1929. Silva e Gomes (2009, p. 39) demonstram que as animações:

[...] além de ajudar o desenvolvimento do imaginário infantil, também podem ser usadas como jogo de raciocínio, um jogo cujo objetivo é o aprendizado, com cunho de moralidade, transmitindo sempre a fraqueza sobre a força, a bondade sobre a astúcia e a derrota de presunçosos

A indústria cinematográfica trabalha com o imaginário dos sujeitos, não só das crianças, mas, também, adultos que na correria do dia a dia acabam esquecendo de exercitar a imaginação. As autoras mostram a Disney como “um produtor de sujeitos”, visto a influência que tem na sociedade. Logo, as indústrias cinematográficas podem ser vistas de uma maneira negativa ou positiva. Negativa pois tem o poder de manipulação em massa, e positiva porque traz benefícios ao imaginário e, para além deste, como, por exemplo, levando para a psicologia a questão dos conteúdos inconscientes que podem ser trabalhados e vistos a partir destes filmes.

Bruno Bettelheim (2002) em seu livro **A Psicanálise dos contos de fadas** explica sobre a dificuldade das crianças em lidarem com os conteúdos inconscientes, e traz os contos de fadas como recurso facilitador para tal, uma vez que “[...] a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo.” (BETTELHEIN. 2002, p.08). Logo, a fantasia permite que a criança descubra estes conteúdos e consiga lidar com eles de uma melhor maneira.

Corso e Corso (2006, p.20) abordam também a temática em **Fadas do divã: Psicanálise nas histórias infantis**, abordando a facilidade da psicanálise nesse campo e que a paixão pelas fantasias começa muito cedo e tem um papel fundamental na infância, mas as fantasias também abrangendo os adultos, que muitas vezes na correria do dia a dia esquecem de exercitar a imaginação, e quando assistem um filme é ativado, ao se identificar com um personagem, se emociona com a história, etc. “O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não

necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada.” (CORSO; CORSO, 2006, p.20). Ao contar uma história, o sujeito se apropria dela. Além de que, os contos de fadas permitem aos estudantes de Psicanálise visualizar e aprender a teoria de uma forma mais agradável. Em ambos os livros, citados, os autores descrevem algumas histórias infantis e elaboram uma possível análise destas.

3 ÉDIPO NO MENINO

Diversos autores escreveram sobre o Complexo de Édipo que é um tema de grande importância dentro da psicanálise, entre eles Freud, Nasio e Dolto. Freud (2006c) aborda que as experiências aflitivas do Complexo de Édipo são inevitáveis. Todos irão passar por esse período, que é a fase fálica, não se desenvolve até que a organização genital esteja definida, sendo sucedida pelo período de latência. Para que isso ocorra, é necessário que a criança vivencie a ausência de satisfação que levará a mesma a voltar as costas ao seu anseio, sem esperança.

Antes de abordar o Complexo de Édipo em si, vê-se a relevância de explicar o pênis enquanto “Falo”, pois esse é o órgão que vai diferenciar meninos de meninas. Poderia ser qualquer outro órgão que viesse a diferenciar, porém é o pênis, pois um possui e no outro se tem a falta. Segundo Nasio (2007, p. 22) “[...]o Falo é o pênis fantasiado, idealizado, símbolo de onipotência e de seus avessos, a vulnerabilidade. [...]”, por isso, fase fálica. Esse falo é sinônimo de poder, autoridade, com isso os meninos têm medo de perdê-lo e as meninas têm inveja, querendo tê-lo, acreditando muitas vezes que a gravidez dará a ela esse *status*, por isso a ideia de mãe fálica.

Nasio (2007) apresenta a dinâmica dos desejos incestuosos no menino, onde se tem as três fantasias de prazer: o desejo de possuir o corpo do Outro- mãe, de ser possuído pelo Outro- pai e de suprimir- Pai. Criando assim fantasias que lhe trarão prazer e angústia, mas que satisfazem imaginariamente seus loucos desejos. No desejo de possuir o outro, a criança é ativa e sente orgulhosa de impor sua presença. As fantasias de possessão são manifestas por comportamentos típicos. Um exemplo dominante é o de tocar no corpo dos pais ou irmão, beijando-o febrilmente e, às vezes, mordendo e maltratando. Já no desejo de ser possuído pelo outro, o menino sente prazer em seduzir o adulto para se tornar seu objeto, seduz para ser seduzido. Por fim, suprimir o Outro, destruir o outro, provoca prazer como qualquer fantasia. Um

exemplo é quando o pai se ausenta e o menino quer brincar de ser o “chefe da família”, querendo dormir com a mãe.

De acordo com Freud (2006c, p.195): “[...] o menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado [...]”, esta que é a entrada do terceiro, a função paterna. Freud (2006c) aborda que o Complexo de Édipo oferece a possibilidade de satisfação no menino de uma forma ativa, simbólica, que o coloca no lugar de seu pai e tendo relações sexuais com a mãe, como o pai tinha. A possibilidade de castração passa a ser real quando o menino reconhece que as meninas são castradas.

De acordo com Dolto (1996), esse reconhecimento de que as meninas são castradas se dá, quando descobrem que as mesmas não possuem o pênis. Num primeiro momento acredita-se num pênis oculto que ainda vai crescer; somente depois, torna-se corajoso, começa a questionar os adultos, percebe-se que esse pênis não irá crescer. Nasio (2007) discorre que as crianças acham que todas as pessoas possuem falo, todos são tão fortes quanto elas. Essa idolatria é acompanhada por uma angústia em perder, no menino, e pelo sofrimento de havê-lo perdido, na menina. Na fase edipiana a criança é capaz de compreender as perdas, pois já vivenciou isso, perdendo algo que lhe era caro e por isso o temor que se repita.

Dolto (1996) aborda a importância que o Complexo de Édipo tem na organização da personalidade do sujeito. A autora ressalta que desde os dois anos o menino descobre o pênis como fonte de prazer, através de “manipulações lúdicas”, e ao perceber que a menina não tem esse objeto, torna-o ainda mais precioso e valorizado. No plano da fantasia, o menino encontra a dificuldade em aceitar que sua mãe tão amada e com quem ele até então se identificava, também não possui o pênis. Ao descobrir que a mãe não é possuidora do pênis, passa então a identificar-se com o pai, que o possui. O menino tende a desvalorizar a obediência às mulheres e obedecer cegamente ao pai e só continua a obedecer a mãe por conta desse pai: “[...] os meninos sempre manifestam, a partir do momento em que valorizam o papel sexual do pai, uma oposição acentuada à mãe, às irmãs mais velhas e às mulheres em geral.” (DOLTO, 1996, p.183).

Ainda de acordo com a autora, durante as brincadeiras aparece o desejo incestuoso, onde os meninos imitam os homens e as meninas, as mulheres, aparecendo frequentemente nas brincadeiras de papai e mamãe. Ao mesmo tempo,

os pais aparecem durante as brincadeiras como heróis místicos como Reis e Rainhas. Aparece frequentemente, também, a morte durante as brincadeiras e falam sobre a morte, por exemplo "Quando você morrer, eu vou ser marido da mamãe". Dolto (1996, p.193) aborda como é para criança quando ocorre a morte real de um dos pais:

A morte real de um dos pais, ocorrendo durante esse período, é sempre um trauma: parece corresponder angustiantemente às fantasias da criança, que, a partir daí, atribui a seus próprios pensamentos uma potência mágica; essa morte ocorrida na realidade parece significar, para ela, o advento de sua onipotência ideativa a seu direito de dar a conhecer seus desejos incestuosos. Esse trauma reforça a angústia de castração; a criança se considera punida ou, ao contrário, apoiada, doravante, num desejo incestuoso sem obstáculos.

Dolto (1996) discorre sobre a resolução do Complexo de Édipo e cita que este vai interferir na economia libidinal no auge do conflito interno que a criança se encontra. O menino quer dar um filho à mãe, porém encontra obstáculos para que isso ocorra. A criança necessita ter uma lei que impeça e precisa que explique a ela porque ele não pode ter a mãe para si. A autora traz um exemplo, "mas, papai se casou com mamãe!". Sim, casou-se com *sua* mãe, mas não com a mãe *dele!*" (DOLTO, 1996, p.194). Dolto (1996, p.196) aponta em seu estudo como se daria essa resolução:

Quando a crise se resolve rapidamente, em boas condições, sempre sobrevém, no auge da angústia de castração, um sonho que se repete duas ou três vezes: é o sonho da morte dos pais. Ele manifesta o desejo de renunciar definitivamente ao objeto de identificação primário e às pulsões genitais de alvos homossexuais e heterossexuais. Esse sonho angustia a criança, mas faz parte do processo de resolução edipiana. Quando tudo corre bem, a angústia cede por completo.

Em Nasio (2007) observa-se que existem três fantasias para o prazer e que cada fantasia trará sua angústia: a ameaça da castração pelo pai repressor, que o lembra que existe leis que ele deve seguir. O pai sedutor, medo de perder sua virilidade, se tornando a mulher-objeto do pai. E o pai odiado, que intimida o menino para conter seus impulsos parricidas. Essas angústias de castração é que irão precipitar o fim da crise edipiana. A angústia é mais forte que o prazer, o levando a desistir do seu objeto de desejo. Assim renuncia aos pais e se submete à lei, preservando seu falo, com o preço de abandonar seus genitores sexualizados. As

pulsões de auto conservação vence as sexuais. Assim, a angústia de castração será recalçada, frequentemente mal recalçada, no que gera a neurose.

Freud (2006c, p.198) apresenta que o conflito vivido pela criança de desejar a mãe, mas não poder, por um medo de perder seu pênis, levará “[...] o ego da criança voltar as costas ao Complexo de Édipo [...]”, pois se tem uma lei na qual ele deve obedecer. Logo, a autoridade do pai função é introjetada no ego formando o núcleo do Superego, “que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal”.

Dolto (1996) acrescenta sobre o retorno do Édipo na adolescência, um período no qual o sujeito vai investir sexualmente no outro, fora do núcleo familiar. Aqui, surgem as idolatrias por alguém do mesmo sexo. Os grupos, que são uma forma dos adolescentes se identificarem. Eles, agora querem os adultos longe, pois têm um medo de retornar a fase anterior a essa. O indivíduo rompe com a identificação com os pais para num primeiro momento identificar-se com os seus (adolescentes da mesma idade e grupo), para posteriormente conquistar sua própria identidade e suas conquistas. Dolto (1996, p.204) ressalta que quando Édipo foi vivido de maneira mais traumática, pode ser que na adolescência se tenha dificuldades: “nos adolescentes em formação as fantasias narcísicas residuais que datam da crise edípiana e, quando essa crise foi mal resolvida, desperta os próprios termos do complexo de Édipo, tal como se constituíram na fase pré-edípiana.”

Dolto (1996) aborda que esse período da adolescência é uma crise, pois as pulsões estão em conflito, além da mudança corporal, aparecem as fantasias e a masturbação, que na maioria das vezes os deixa envergonhados. A variação emocional é constante, pois eles estão se conhecendo e vivenciando um turbilhão de emoções. O que tem acontecido na sociedade atual é um prolongamento dessa adolescência. Dolto (1996, p.209) discorre que ao final dessa adolescência espera-se que os sujeitos possam: “suportar com confiança os inevitáveis fracassos reais, as desilusões e as decepções a seu próprio respeito”.

4 A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO PATERNA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A função paterna não está atrelada ao genitor e nem ao sexo masculino, é um terceiro que é introduzido na relação mãe-bebê, fazendo a mesma desestabilizar, surgindo assim a falta, o desejo e um sujeito. (MONTEIRO, 2000)

Freud (1989) em seus estudos de caso, principalmente com as histéricas, aponta sobre a sexualidade na infância e formula sua Teoria sobre o Complexo de Édipo, onde aparece pela primeira vez a função paterna. O pai é convocado, na relação mãe-bebê, quando há uma escolha objetal. A criança escolherá figuras já amadas, sendo que na maioria das vezes será pelo sexo oposto, logo o menino pela mãe e a menina pelo pai. O pai entra como uma barreira do incesto, esta que também é uma exigência da sociedade, pois o menino não pode ter essa mãe, deslocando esse desejo a outras mulheres. Esse pai é um objeto de amor, já que também é figura amada, e de ódio, pois surge o complexo de castração. Além de ser uma figura de identificação, rival do afeto e atenção da mãe.

Em **Totem e Tabu**, Freud (2006a) aponta o pai a partir do mito da horda primitiva, na qual se tem um pai terrível, que teria a posse das mulheres, e qualquer filho que não cumprisse suas regras eram castrados ou mortos. Os filhos que foram expulsos da horda por este pai, se unem para matá-lo. Mas não havia como apenas um deles substituir esse pai, pois iriam repetir os mesmos feitos desse, então cria-se o totem. Este é a base das obrigações sociais e o tabu entra como a proibição de relações sexuais entre pessoas do mesmo totem. Freud (2006a, p. 22) diz que o totem “é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo é seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos.” O pai, aqui, não é apenas o genitor, mas todos os outros homens do totem.

Num terceiro momento, Freud (2006b) irá trazer a função paterna em sua obra **Moises e o Monoteísmo**. Nesta obra, Moises é um estrangeiro, que é morto e intitulado como Pai pela religião judaica, disseminando o monoteísmo. Com o surgimento de uma religião monoteísta, a civilização passa então a renunciar à satisfação pulsional em prol de um investimento em processos intelectuais superiores. Logo, o lugar da religião é de substituto paterno, onde a mesma também tem proibição e punição para quem infringir a lei. Observa-se também que com o avanço na civilização surge a criação de leis pelo estado.

Comtemplamos na teoria freudiana que o pai função é um terceiro que exerce um corte na relação mãe-bebê, introduzindo a lei nessa criança e preparando-a para sua inserção no mundo social. De acordo com Rosa (2009), Winnicott contribui para o entendimento de função paterna, porém diferentemente de Freud, ele entende que a função paterna está presente muito antes na vida dessa criança e tem diferentes funções no seu processo de amadurecimento.

De acordo com Winnicott (1988), em sua teoria do relacionamento paterno-infantil no livro **O ambiente e os processos de maturação**, o bebê está em fase de dependência e cabe ao pai, junto à mãe, fazer esse auxílio para seu filho. Ele chama o bebê nessa fase de lactente, e este vem a ser diferente de acordo com o ambiente, seja favorável ou não. Pai, mãe e lactente vivem juntos, mas a função do pai não é conhecida da criança. Os pais têm papel fundamental no *holding*, que é principalmente físico, protegendo contra a agressão fisiológica, levando em conta as sensibilidades da pele do bebê e sua falta de conhecimento, incluindo, também, a rotina completa e as mudanças repentinas em seu cotidiano. O *holding* também é uma forma de demonstrar o seu amor pelo lactente, sendo assim algo fundamental da pediatria à psicanálise.

Em seu texto **E o Pai?**, do livro **A criança e seu mundo**, Winnicott (2008) busca responder a uma questão que as mães sempre lhe traziam: a importância da participação do pai na vida do bebê. Para o pai conhecer o seu bebê dependerá da mãe se tem o desejo que isso aconteça ou não, o mesmo se dá para que esse pai seja participativo nessa relação. Um exemplo que ele traz em seu texto é o da mãe deixar para dar banho na hora na qual o pai está em casa para que o mesmo possa ver e até participar se assim desejar. É de extrema valia a participação do pai na vida desse bebê, esse lar entrosado permite a criança construir fantasias, uma rocha na qual ela pode se sentir firme, agarrar e solicitar quando necessário.

A autoridade deve vir tanto da mãe quanto do pai, ambos devem sustentar a lei e a ordem, por isso o pai é um apoio moral dessa mãe. Simbolicamente as crianças necessitam dos dois (mãe e pai) para poder designar a um deles como a permanência do amor e ao outro odiar, isso tem uma influência estabilizadora. Se a criança atribuir ambos os sentimentos a apenas um, isto pode causar confusão nela, pois seu ego ainda não consegue entender que se pode amar e odiar um mesmo objeto. Portanto, o pai tem o papel de ser a quem a criança dirige sua agressividade e, ao se defender

dessa agressão, ensina a própria criança a se defender, mostrando que é possível conviver e controlar esse impulso agressivo. (WINNICOTT, 2008)

Com alguns meses de vida, a criança já busca esse pai a sua volta, quando ele entra no quarto por exemplo, ela pode estender o braço ou dar as costas para ele. Apenas com o passar dos anos e, gradativamente, ela entenderá a importância que o pai tem em sua vida. (WINNICOTT, 2008)

Na conferência em que Winnicott (1999a) fala sobre o dizer “não”, presente em seu livro **Conversando com os pais**, ele aborda outra função do pai e também da mãe: a criança necessita de ouvir um “não” e muitas vezes busca esse “não”, e caberá aos pais assegurarem uma permanência na segurança dessa criança. O “não” é introduzido antes da palavra propriamente dita, eles dizem não ao mundo, impedindo acontecimentos inesperados ao bebê, criando assim uma base de confiança. Em um segundo momento, os pais permitem que a criança explore alguns objetos do mundo, na medida em que elas estejam preparadas. Eles passam a dizer “não” para os filhos acerca dos objetos perigosos, gradativamente, mostrando ao bebê a realidade. A última etapa é a da explicação, quando a criança já consegue entender o “não” e compreender a necessidade dele em sua vida.

Uma outra questão em relação ao papel do pai para Winnicott (1999b), nesse momento assemelhando mais a teoria freudiana, é a de ser um terceiro na relação da mãe e bebê, que se encontram em dependência absoluta, proclamando seu direito sobre a esposa, mostrando a esse bebê que aquela mulher, além de ser sua mãe, também é uma mulher que exerce outros papéis. O pai, enquanto marido, ajuda sua esposa a introduzir o filho ao mundo, para que os dois possam ter momentos enquanto casal, excluindo em alguns momentos aquele filho. Também em alguns momentos será necessário excluir a mãe para que haja momentos entre pai e filho, sendo de extrema importância para que a família fique em harmonia.

Aberastury e Salas (1984) contribuem também para um entendimento sobre a função paterna em seu livro **A Paternidade**. No qual os autores pontuam sobre a importância deste em cada fase do desenvolvimento da criança.

Num primeiro momento, quando se tem a separação mãe e bebê e o pai entra como terceiro, é importante que este pai encontre uma comunicação própria com a criança, dando banhos, alimentando, passando um tempo com ela. E de ainda mais destaque o “[...] papel que desempenha se reforça sua união a mãe e oferece ao filho

'o casal' como fonte genital de identificação e como primeira imagem social, de comunidade, que tem o indivíduo." (ABERASTURY; SALAS, 1984, p.80), logo o bebê não está só se separando da mãe, mas tendo uma figura masculina para poder se identificar e sendo inserido na sociedade. O segundo momento acontece quando a criança entra na escola, por volta dos cinco anos, nessa etapa a função do pai é a de ser quem essa criança irá compartilhar suas aventuras e descobrimentos.

Por fim, na adolescência, onde os pais vão reviver também seu Complexo de Édipo, sendo uma fase de conflito, em que o adolescente está vivendo um luto de seu corpo da infância, da relação com seus pais da infância e sua identidade infantil. Porém, os pais também estão vivenciando um luto do filho infantil. O papel do pai nessa ocasião é de não exigir que seu filho assuma um papel de adulto, e nem de criança, muitas vezes tendo essa ambiguidade que deixa o adolescente ainda mais confuso e ele também não está preparado psicologicamente para ser adulto, nem se pode voltar a ser criança. Para se ter um desenvolvimento "normal" na adolescência não se deve exigir do adolescente e sim preparar as condições necessária para seu crescimento. (ABERASTURY; SALAS, 1984)

Aberastury e Salas (1984) levantam também as dificuldades de se assumir o papel paterno. Muitas vezes os pais (tanto o homem quanto a mulher) sentem que aquele filho não é seu. Mesmo o bebê sendo dele, o homem não se sente no direito ou confortável para desempenhar tal papel, podendo isso ter relação com suas vivências infantis, com seus pais ou com a companheira. Ocorre também, muitas vezes, da sociedade delegar toda responsabilidade para a mulher e essa tratar o bebê como se fosse somente seu, não deixando o conjugue participar desse momento, ou, às vezes, o homem mesmo se ausenta dessa responsabilidade.

Já a ausência do pai, ainda de acordo com Aberastury e Salas (1984, p.86), pode gerar a falta de limite, uma imagem de abandono e solidão, tendo como consequência uma exigência interna paralisante e atormentadora, "É como se o menino continuasse procurando dentro de si os limites que o pai não soube lhe colocar desde o exterior". Muitas vezes, essa ausência obriga a esse filho a tomar seu papel em um processo de identificação. Em caso de divórcio ou morte é comum a mãe levar o menino para sua cama. Os autores dizem que na clínica aparecem esses acontecimentos principalmente com homossexuais e homens que fogem antes de ter algo mais sério com alguma mulher.

Rehbein (2014) em sua tese de pós-doutorado, faz uma releitura Lacaniana sobre o declínio da função paterna, trazendo-a para a atualidade. O autor afirma que houve uma transferência da função para o Estado, num primeiro momento, e depois para a escola, de educar e dar limites aos filhos. Como vimos no decorrer do texto, duas coisas importantes do pai função e da vivência do Édipo são a introjeção da lei e a formação da instância Superego; logo o seu possível declínio traz uma preocupação. Porém, de acordo com Rehbein (2014), o que houve foi o declínio do autoritarismo, já que se tem diminuído o patriarcado, e encontra-se, cada vez mais, novos modelos de família, mas isto não seria o declínio da autoridade. Como vimos, a função paterna não precisa vir necessariamente do pai, mas sim desse terceiro que é introduzido na relação mãe-bebê.

Paladino (2005, p.128) aborda sobre a “terceirização da função paterna”, em seu livro **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea**, onde a mídia tem ditado as regras, “[...] os pais tendem a acreditar cada vez mais no excesso de conselhos públicos que a mídia faz entrar em suas casas.” Os pais apresentam dúvidas em relação aos limites e valores a serem passados para seus filhos. Já Martins (2007) discorre em **A criança terceirizada**, sobre algumas possibilidades que essas terceirizações teriam no sujeito como a agressividade, a dificuldade em lidar com figuras de autoridade e limites. Entretanto, ainda, se necessita de mais estudos, por serem acontecimentos recentes.

5 O REI LEÃO: DO NASCIMENTO DE SIMBA À PASSAGEM PELO ÉDIPO; DO SIMBÓLICO AO REAL

O filme se inicia com a canção “Ciclo sem fim”, na cena de apresentação de Simba, filho de Mufasa e Sarabi, para todo o reino como o sucessor do pai como futuro rei (O REI LEÃO, 1994). Observa-se nessa cena a introdução do “não”, antes da palavra propriamente dita, que Winnicott (1999a) aborda, apresentando a criança ao mundo, criando uma base de confiança que tenta impedir acontecimentos inesperados ao bebê. Logo nas cenas iniciais, podemos ver Sarabi fazendo abertura para entrada de Mufasa, em sua relação com Simba (O REI LEÃO, 1994). Vimos, em Winnicott (2008), que o pai só consegue se introduzir na relação mãe e bebê se essa permitir. Logo após, observa-se Mufasa apresentando o reino ao pequeno Simba, e

alerta que, onde o sol não toca, ele não poderia ir, não pertence ao reino. Simba então o questiona, “mas o rei não pode fazer o que quiser?”, Mufasa o explica sobre responsabilidades e deveres do rei. Podemos relacionar essa cena ao que Winnicott (1999a) apresenta como “não” propriamente dito, onde os pais vão falar não para seus filhos e dar explicação do porquê desse não, pois essa criança já está preparada para entendê-lo.

Logo nas cenas iniciais, também podemos presenciar a rivalidade entre os irmãos Scar e Mufasa. Scar demonstra seu descontentamento com o nascimento do sobrinho, já que este será o sucessor do trono (O REI LEÃO, 1994). Podemos aqui fazer um paralelo com o Édipo, já que em Nasio (2007), o Falo é sinônimo de poder e autoridade, logo estar no trono é ser detentor do mesmo. Simba, com seu ego ainda em formação, não sabe ainda separar o bem do mal, como aborda Winnicott (2008). Scar aproveita desse momento para induzir o sobrinho a ir ao cemitério de elefantes, dizendo que só os leões mais fortes vão nesse local. Este que é o lugar onde o pai o proibiu de ir. Querendo provar que é um leão forte como o pai, Simba vai até lá com sua amiga Nala e Zazu. Nesse momento Simba canta: “o que eu quero mais é ser Rei” (O REI LEÃO, 1994). Pode-se constatar o desejo inconsciente que esse pai morra, abordado nos autores Nasio (2007) e Dolto (1996), já que para ser rei, o seu pai tem que morrer.

Ao chegar ao cemitério de elefantes, Simba tenta demonstrar sua força para Nala dizendo: “eu rio na cara do perigo”, mas logo se encontram ameaçados em uma armadilha do tio, quando surgem as hienas, que moram neste local. Simba tenta rugir para salvá-los, mas, por ser um leãozinho, ainda é fraco o seu rugido, o que faz as hienas rirem dele. Mufasa aparece para salvá-los, dando seu forte rugido que faz as hienas fugirem. Descontente com atitude do filho em desobedecê-lo, Mufasa tenta dar uma lição, conversando com o filho. Conseguimos notar aqui Mufasa como detentor do Falo e da função paterna, fazendo a castração e introduzindo aqui o superego, pois há leis a serem seguidas e Simba deve respeitá-las (O REI LEÃO, 1994). Freud (2006c) apresenta a introjeção do superego, formado a partir da passagem pelo Édipo, devindo da autoridade do pai.

Scar planeja junto com as hienas uma debandada para matar o irmão e o sobrinho, assim sendo o único sucessor do trono. Porém, somente Mufasa morre. Scar, então, coloca a culpa no sobrinho pela morte do irmão, o aconselhando a fugir,

logo após ordena que as hienas o matem. Mas Simba consegue escapar delas (O REI LEÃO, 1994). Pode-se observar nessa cena o conflito interno, o sofrimento e a desorientação do leãozinho, pela passagem do simbólico ao real. Dolto (1996) apresenta que essa passagem é sempre traumática, pois reforça a angústia de castração, a criança se sente então punida ou apoiada. Scar conta a todos do reino sobre sua versão dos fatos que acabara de acontecer e se torna o novo rei.

6 A SUPERAÇÃO DE UM MOMENTO TRAUMÁTICO PARA SIMBA E SUA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO SUJEITO E REI

Simba, ao fugir de seu passado, conhece Timão e Pumba, que têm uma filosofia de vida diferente da que ele estava acostumado. O lema deles é “Hakuna Matata- traduzido como sem problemas”, e significa que podem fazer o que quiserem, quando quiserem, sem leis (O REI LEÃO, 1994). Pode-se associar esse momento com o trauma vivenciado pelo leãozinho. Ele retorna a fase anterior ao Édipo, onde ainda não se tem a lei e que, como visto em Freud (2006c), o superego é herdeiro da passagem ao Complexo de Édipo. Simba, com o passar dos anos, se torna o que sempre sonhou, um leão forte, com uma linda juba e um forte rugido, porém isso passa despercebido para si mesmo, já que tenta, a todo instante, não recordar momentos que para ele foram muito difíceis (O REI LEÃO, 1994).

No entanto, esse passado retorna quando Nala tenta atacar Pumba e Simba o defende. Com a presença dela, Simba revive sentimentos do passado tanto bons quanto ruins. Nala conta sobre o que a má liderança de Scar causou ao reino e que o verdadeiro rei precisa retornar. Simba fica muito confuso, pois não quer retornar e confrontar seu passado, mas se sente de certo modo responsável por aquele reino. É quando aparece o macaco sábio Rafiki, questionando-o sobre si mesmo, mostrando toda confusão que estava dentro dele e afirmando saber quem ele é: filho de Mufasa. Rafiki percorre com Simba por caminhos difíceis, mas o jovem leão o segue até uma lagoa onde o protagonista vê seu reflexo na água, num primeiro momento e, logo depois, vê seu pai. O sábio macaco diz, então, que Mufasa não morreu, que vive dentro do filho. Após lembrar dos ensinamentos do pai e de quem ele é, Simba então cria forças para enfrentar seu passado e retornar ao reino (O REI LEÃO, 1994). Nessa cena podemos interpretar como algo vivenciado num processo terapêutico. Rafiki, em **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 164-183, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

momento algum, responde às questões de Simba e, sim, vai fazendo com que ele pense sobre fatos vividos no passado. Um processo terapêutico não é um caminho fácil, passa por momentos muitos difíceis para a própria pessoa e, no final, se espera que a pessoa seja capaz de enfrentar esse passado e seguir em frente. Uma das falas de Rafiki que marca esse momento é: “O passado pode machucar. Mas como eu vejo é: você pode fugir dele ou aprender com ele.” (O REI LEÃO, 1994).

Com a ajuda de amigos, Simba retorna e enfrenta seu tio que tem as hienas como aliadas. Scar tenta desestabilizar o sobrinho lembrando que ele foi o culpado pela morte de Mufasa. Simba, agora, entende que foi sem querer e não se sente tão culpado quanto antes. Quando se encontra na mesma posição que o pai e com o tio prestes a matá-lo, Scar revela que matou Mufasa e colocou a culpa no sobrinho. Simba. Então, cria forças ainda maiores, ao saber que o pai não morreu por sua mão, luta com o tio e toma seu lugar de direito como verdadeiro rei. O longa finaliza como começou, porém, agora Simba e Nala apresentando seu filho ao reino. Podemos observar nessas cenas finais que o reino se recuperou, com uma boa liderança de Simba (O REI LEÃO, 1994). Presenciamos aqui a identificação de Simba com Mufasa, que de acordo com Dolto (1996) acontece durante o Édipo. Observa-se também que Simba, agora, desempenhará a função paterna, tendo grande importância na formação de seu filho, como a que seu pai teve para ele. O jovem leão, agora, é detentor do Falo e como visto em Nasio (2007), este é sinônimo de poder e autoridade. Simba agora consegue ser um bom líder e desempenhar papéis importantes como rei e pai.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi a intenção desta pesquisa, reduzir o filme a uma perspectiva psicologia, até mesmo porque não se tem como, pois, um filme abarca muito mais temas. Vimos que mesmo dentro de uma perspectiva psicológica existem várias possibilidades de análise, optou-se, portanto, por uma delas, dentro de uma abordagem psicanalítica. O Complexo de Édipo e a função paterna também são assuntos amplos e inesgotáveis. O que buscamos foi levar ao leitor um pouco do entendimento que se tem sobre estes tópicos e como eles se conectam ao filme **O Rei Leão**. Também ao

se analisar, deve se levar em consideração o espírito da época na qual foi produzido, pois isto interfere bastante na produção.

Os filmes, sejam eles infantis ou de quaisquer outros gêneros vão estimular a imaginação, a emoção do sujeito. A animação tem uma grande importância na infância visto que esta é a base da formação do indivíduo, e na qual se tem uma projeção maior dos filmes infantis e dos contos de fadas, ajudando-as a lidarem com conteúdo inconscientes. O Complexo de Édipo é de extrema importância dentro da psicanálise, pois é o formador do superego, sendo está uma fase inevitável que todos irão passar e sendo igualmente importante a função paterna, que ajuda na formação desse indivíduo.

A ideia é analisar um filme de grande sucesso, dentre vários produzidos pela Disney, que é atemporal, passando assim por diversas gerações, e, também, sua refilmagem, propiciando ainda mais essa possibilidade de interpretação. Um leãozinho que perde o pai, mas mantém consigo ideais aprendidos com ele. Ao passar por uma fase muito difícil que traz a morte de seu pai e a culpa que carrega por isso, consegue achar, com ajuda de amigos, dentro de si, forças para resolver seus conflitos internos e seguir seu caminho, levando expectadores a se conectar e se emocionar, que muitas vezes se veem em algum daqueles papéis e trabalhando seus próprios conteúdos inconscientes.

Esta é uma tentativa de diálogo entre indústria cinematográfica e psicanálise. Espera-se que o leitor abra horizontes para essa possibilidade, mas que, também, leve entendimentos de conceitos importantes da ciência psicanalítica, abrindo, assim, um leque de possibilidades de novos estudos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; SALAS Eduardo J. A Paternidade. In:_____. **A Paternidade um enfoque Psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1984, p. 41-87.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 335 p.

CASTRO, Adriana Sperandio Ventura Pereira de. **Cada conto, uma travessia**: um estudo dos medos infantis através da Literatura Fantástica. 2004. 165 f. Dissertação

(Mestrado em Educação)-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1993.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artemed, 2006. 328 p.

DOLTO, François. **No jogo do desejo: ensaios clínicos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. 296 p.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. **Um caso de Histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 117-217. (Edições Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII).

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In:_____. **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. p. 21-162. (Edições Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII).

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. In:_____. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. p. 19-150. (Edições Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII).

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In:_____. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. p. 195-201. (Edições Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XV).

MARTINS filho, José. **A Criança terceirizada: Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. Campinas: Papirus, 2007.

MENDONÇA, Thiago. **Crítica: o rei leão e o mundo de hoje**. 2019. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/thiago-b-mendonca/critica-o-rei-leao-o-mundo-de-hoje-23838141> >. Acesso em 28 abril 2020

MONTEIRO, Dalva de Andrade. A função paterna e a cultura. **Cogito**, Salvador, v. 3, p. 49-52, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792001000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 abril 2020.

NASIO, Juan-David. **Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 19-64.

O Rei Leão. Produzido por Don Hahn. Dirigido por Rob Minkoff e Roger Allers. Roteiro por Andy Gaskill, Bob Tzudiker, et.al. EUA: Walt Disney Pictures, c1994. 1 DVD (89 min), color.

PALADINO, Erane. **O Adolescente e o Conflito de Gerações na Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

REHBEIN, Mauro Pioli. **Feminilidade e Depressão Pós-Parto**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, fev. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mar. 2020.

SILVA, Tânia Cristina do Ramo; GOMES, Ana Cláudia Fernandes. A importância dos desenhos animados como representação ideológica: formação da identidade infantil. **Cesumar**, São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun., 2009, p. 37 - 43. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/download/664/758>>. Acesso em: 04 maio 2020

WINNICOTT, Donald. W. Dizer “não”. In: _____. **Conversando com os pais (1993)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. p. 27-48.

WINNICOTT, Donald. W. E o pai? In: _____. **A criança e o seu mundo (1964)**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 127-133.

WINNICOTT, Donald. W. O que irrita? In: _____. **Conversando com os pais (1993)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. p. 77-100.

WINNICOTT, Donald. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional (1960)**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Medica, 1988. p. 38-54.